

14º Seminário Nacional Sociologia & Política
Saberes em Confluência
GT 02 – Migrações Internacionais e Fronteiras

Dinâmicas identitárias e migrações:
histórias de vida de migrantes venezuelanas/os em Brasília

Beatriz Bento Gargano¹

Stefan Klein²

¹ Bacharela em Sociologia e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UnB. E-mail: bbgargano@gmail.com. A pesquisa que deu origem a este trabalho contou com auxílio financeiro do CNPq.

² Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Departamento de Sociologia (SOL) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGSOL) da Universidade de Brasília. E-mail: sfk@unb.br.

Introdução

O presente texto, elaborado por nós em co-autoria para os anais do “14º Seminário Nacional Sociologia & Política - Saberes em Confluência”, coloca uma reflexão envolvendo as dinâmicas identitárias em contexto migratório, com atenção especial às suas fronteiras, tomando por base a situação de migrantes venezuelanas e venezuelanos residentes na cidade de Brasília, no Distrito Federal (DF). Conforme iremos detalhar melhor abaixo, o trabalho de campo realizado para a pesquisa recorreu à técnica de história de vida no intuito de apreender elementos subjacentes a essas dinâmicas. Em paralelo, a pesquisa foi alimentada por ampla reflexão e síntese bibliográficas, tanto de referências que abordam diretamente o fenômeno migratório, quanto dialogando com autorias que trazem quadros conceituais e debates sobre o tema da identidade, contribuindo para sustentar as reflexões com pluralidade teórica.

Além desta breve introdução e das considerações finais, o artigo se encontra dividido em duas grandes seções. A primeira delas detalha o debate teórico-conceitual mais relevante para o tema aqui colocado, enfatizando as conceituações e categorias que embasam o olhar sobre esse aspecto do fenômeno migratório. Além disso, também apresenta concisamente a metodologia. A outra seção, por sua vez, após trazer alguns dados básicos das pessoas migrantes que foram as sujeitas da pesquisa, sempre buscando preservar o seu anonimato se debruça sobre o material resultante da interação nas entrevistas que buscaram alcançar as histórias de vida das e dos migrantes, aqui com atenção especial ao que entendemos serem os aspectos de maior relevância para compreender essa dinâmica identitária.

Com isso em mente, uma das principais questões que buscaremos aprofundar neste texto é o tema da fronteira, em especial a sua fluidez. Trata-se, portanto, da ideia de que, ao mesmo tempo em que o processo migratório, quando se trata de migrações internacionais, pressupõe o atravessamento de uma ou mais fronteiras físicas, também implica lidar com o aparato governamental de fiscalização e controle delas, e todo o labirinto documental que o acompanha, tão ou mais importantes são as fronteiras simbólicas que são desestabilizadas em termos do pertencimento cultural e identitário.

Pesquisando alteridades e fronteiras

A temática envolvendo a alteridade e a diferença é constitutiva das Ciências Sociais. Por mais que esse tema, em particular, historicamente ocupe um lugar mais central nos estudos e pesquisas antropológicas, é fato que também assume relevância para a sociologia. Mais especificamente poderíamos mencionar, entre outros, a reflexão de Georg Simmel (1983 [1908]) acerca do estrangeiro para começar a situar algumas dessas elaborações, em que ele tece considerações envolvendo os deslocamentos e tomando por base os comerciantes. O que Simmel busca enfatizar é – tal qual é característico de sua teoria sociológica – o caráter relacional da condição de estrangeiro, e as implicações sociais de nela se encontrar.

Logo, podemos nos apropriar de seu olhar para pensar a migração³. Em especial, aqui temos em vista a aproximação em relação à concepção da fronteira, que aprofundaremos mais adiante. As considerações de Simmel destacam, assim, uma liberdade relativa que caracteriza a condição de estrangeiro, em decorrência do seu – aparente – lugar passageiro no contexto em que se encontra. Está, portanto, acompanhado de uma espécie de fluidez, consequência do ir e vir subjacentes a essa incerteza.

Os diferentes ‘riscos’ ou ‘efeitos’ que subjazem aos deslocamentos podem, ainda, ser abordados pelo olhar do interacionismo simbólico. Assim, Erving Goffman (2008 [1988]), ao se apoiar sobre a categoria do *estigma*, pontua as maneiras por meio das quais são produzidas marcas como consequência de pessoas estarem em um lugar no qual são vistas como não-pertencentes, como estranhas no sentido mais literal do termo. De maneira semelhante, ao realizar os seus estudos sobre dinâmicas de exclusão no cotidiano social, isto é, que não são derivadas de grandes processos materiais ou de exploração, mas refletem maneiras de incluir e excluir pessoas na constituição de grupos sociais, Howard Becker (2008 [1965]) se orienta pelo conceito de *outsider*, de alguém externo/estranho (ou estrangeiro, se preferirmos). O que é importante considerar, aqui, é como nenhuma forma ou tipo de exclusão é completo: uma vez mais, podemos retomar os pressupostos de uma sociologia relacional ou interacional, na medida em que todas as pessoas se encontram excluídas de alguns espaços e grupos, o que não impede a inclusão delas em outros.

³ Para uma discussão mais aprofundada acerca da presença do debate da imigração nos clássicos da sociologia, recomendamos o artigo de Márcio de Oliveira (2014).

As referências trazidas acima a partir de Simmel reverberam o contexto em que viveu e escreveu. No intuito de nos aproximarmos dos debates da América Latina, que é o recorte do trabalho de campo que deu origem a essa pesquisa, torna-se necessário aprofundar o diálogo com pesquisadoras/es que tenham observado esse contexto. Ainda tomando por base o lugar atribuído à fronteira mobilizamos, então, Gloria Anzaldúa. Situada nos entrelaçamentos de diferentes culturas, tendo o território mexicano como referência, ela busca compreender como as diferentes facetas dessas mutações e migrações constituem a(s) identidade(s). Estão em jogo as heranças, de diferentes tipos e, também, as leituras de si pelas outras pessoas. Talvez a questão mais relevante colocada por ela seja, justamente, a concepção de uma fluidez identitária que se move de acordo com deslocamentos, atravessamentos e questionamentos.

Deixemos, portanto, a própria autora se expressar. “Sou uma mulher de fronteira. Cresci entre duas culturas: a mexicana (com uma forte influência indígena) e a anglo-saxônica (como membro de um povo colonizado em nosso próprio território). Passei minha vida oscilando entre a fronteira do Texas e do México, e outras fronteiras. Não é um território confortável para se viver, esse lugar de contradições. Ódio, raiva e exploração são as características mais marcantes dessa paisagem (Anzaldúa, 2005 [1987], pp. 3-4). Ela alerta, portanto, para a dinâmica exploratória e imperialista dessas relações, em que a colonização impôs dinâmicas migratórias e identitárias. Essa perspectiva e a análise da autora acerca da identidade foram tomadas como centrais nesta pesquisa, uma vez que o texto aborda, de forma fundamental, o fenômeno da fluidez identitária e seu caráter dinâmico no contexto migratório.

Voltando-nos a alguns aspectos mais específicos da migração contemporânea, trazendo a argumentação de Carreiro (2007) e Glick-Schiller e outras (2019), o transnacionalismo passa a assumir um papel relevante nessas interações. Em especial, ganha destaque o fato de permitir diferentes cruzamentos e entrelaçamentos de elementos identitários que se ajustam e são modificados no processo migratório. Ou seja, ao mesmo em que há uma conexão da pessoa migrante às suas raízes, que preserva certos traços, também ocorrem transformações no processo de contato e interação do novo contexto, dialogando com as diferentes histórias e vivências individuais. Colocado de outra maneira, poderíamos falar numa possibilidade de “retorno” simbólico ao país ou à cultura de origem, sem a necessidade

de deslocamentos no sentido físico-cartográfico. Logo, buscamos indicar que são abertas maneiras de acessar símbolos, tradições ou redes sociais que recriam sensações de pertencimento.

Para colocá-lo nos termos de Delia Dutra: “O transnacionalismo propõe um marco de análise estrutural que indaga acerca dos laços que se estabelecem tanto nos países de imigração quanto nos países de emigração” (Dutra, 2013). Desse modo, evita-se uma separação estrita entre a pessoa em seu país/contexto/cultura de origem e a pessoa quando se encontra em situação migratória. Conforme retomaremos adiante, efetivamente há de se falar numa fronteira. No entanto, essa fronteira é maleável e está constituída a partir de uma pluralidade de dinâmicas.

Ainda pensando sobre a dinâmica fronteiriça, cabe dialogar com a perspectiva exposta por Patricia Hill Collins (2016) em seu artigo no qual sintetiza o conceito de *outsider within*. Ali a autora mostra uma ambiguidade em relação a fazer parte ou estar excluída, buscando revelar o fato de que não se trata de lugares ou condições absolutas, tal qual já indicamos, de maneira preliminar, acima. Ou seja, o distanciamento de se adequar à nova cultura traz consigo, também, a possibilidade ou necessidade de olhar para as ‘origens’, sem essencializá-las ou pressupor uma autenticidade.

Refletindo de maneira mais direta sobre a questão e o conceito de alteridade, cabe o diálogo com o conceito conforme aparece em Stuart Hall (2006). Ou seja, ao mesmo tempo em que se manifesta a vontade de pertencimento a certos grupos, pela semelhança, quando se observa o contexto migratório, necessariamente, isso se dá na produção da diferença. Em suma, podemos pensar tomando por referência a noção de experiências híbridas e multifacetadas, que se contrapõem a uma compreensão por vezes fixa e rígida associada à formação identitária. Logo, entende-se a identidade enquanto contínua, que acaba por se reconfigurar ao longo do tempo.

Assim, para dar conta do recorte proposto e do objetivo de compreender a construção identitária de migrantes venezuelanos, optou-se pela utilização da técnica de história de vida. Ao compreender a identidade como algo mutável e em constante construção, torna-se imprescindível adotar um método capaz de apreender processos, trajetórias e transformações ao longo do tempo, sem se restringir a um recorte temporal rígido. Nesse sentido, a história de vida se apresentou como uma alternativa metodológica potente, por possibilitar a apreensão

de uma multiplicidade de fatores e, sobretudo, das experiências tal como foram sentidas e interpretadas pelos próprios sujeitos. Essa abordagem mostrou-se especialmente adequada à temática migratória, ao permitir que as subjetividades sejam trazidas ao centro da análise, com a devida sensibilidade diante de contextos de vulnerabilidade.

Mais do que uma entrevista, a história de vida oferece maior autonomia à(ao) entrevistada(o), possibilitando compreender, a partir de seu ponto de vista, os sentidos atribuídos aos eventos vividos, suas ações, interações e relações (Guérios, 2011). Ao privilegiar um formato mais livre, busca-se captar como os acontecimentos são percebidos e interpretados, com interferência mínima da entrevistadora, além de levar em conta a inserção das/os sujeitas/os em diferentes contextos e os modos como suas escolhas e ações se articulam nesses distintos níveis. O foco recai, sobretudo, na profundidade das narrativas e na compreensão da relação de cada sujeita/o com o próprio processo migratório, incluindo os modos como se percebe enquanto migrante e como essa identidade é construída ao longo de sua trajetória, características que se tornaram cruciais para entender as histórias de Carlos e Ana, de Adriana e de Luciana e Sofia⁴.

Histórias de vida: entre o pertencimento e o estranhamento

Diante do arcabouço teórico construído, passamos à dimensão prática da pesquisa, voltando-nos a compreender a construção identitária do migrante a partir da perspectiva deles próprios, por meio da técnica de história de vida. Nesse percurso, a pergunta que guiou a investigação foi: como as(os) migrantes lidam com e percebem suas identidades nacionais no contexto do deslocamento entre essas fronteiras? Mais especificamente, como imigrantes venezuelanas/os em Brasília percebem as relações que atravessam e moldam a construção de suas identidades?

Conforme indicamos acima, a escolha pela história de vida reflete a ideia tanto de dar conta de um percurso longo, quanto de conseguir captar as nuances dessas mudanças. Logo, a técnica de entrevista usada buscou promover aproximações com as pessoas entrevistadas, de modo que se sentissem à vontade para partilhar questões envolvendo aspectos muitas vezes tensos de sua experiência.

⁴ Entrevistas realizadas no período entre dezembro de 2023 e fevereiro de 2024.

A partir dessas inquietações, a pesquisa passa a se orientar pela curiosidade de observar como essas/es sujeitas/os lidam com possíveis dificuldades de inserção em diferentes contextos, bem como pelas formas pelas quais elaboram seus sentidos de pertencimento. Ao aprofundar a temática, os objetivos específicos da investigação passaram a buscar a compreensão de como diferentes contextos, experiências e encontros acionam e (re)constroem essas identidades, bem como de que maneira a definição do “outro” atravessa as trajetórias desses migrantes, tanto no momento de chegada ao país de destino quanto nas relações que seguem mantendo com o país de origem. As interações marcadas por estranhamento e similaridade perpassam a experiência migratória, evidenciando que a questão identitária, sobretudo em contextos de deslocamento, se configura como uma construção.

Tomando por base essas reflexões, optou-se por direcionar o olhar para um caso específico: a comunidade venezuelana residente em Brasília. Essa escolha não se deu de forma aleatória, mas foi sendo construída a partir da familiaridade com esses recortes. Primeiramente, o Distrito Federal tem se configurado como um espaço de recepção de diferentes fluxos migratórios, tendo registrado, nos últimos anos, um aumento no número de migrantes venezuelanas/os, em grande medida por constituir um dos pontos de interiorização da Operação Acolhida⁵. Além disso, a afinidade com a cidade representa uma vantagem analítica, ao possibilitar uma compreensão mais aprofundada das formas de sociabilidade e das relações estabelecidas nesse cenário.

Em segundo lugar, o recorte venezuelano insere-se em um fluxo recente e expressivo no Brasil, atravessado por dimensões políticas, econômicas e humanitárias que impactam diretamente as trajetórias dessas/es migrantes. Soma-se a isso a existência de uma aproximação prévia com esse campo, tanto pelo contato já estabelecido com pessoas que integram essa comunidade, quanto pela possibilidade concreta de acesso às suas narrativas, o que contribui para uma investigação mais próxima, situada e sensível às experiências vividas.

Por fim, para aprofundar a análise, solicitou-se que a narrativa tivesse como ponto de partida o momento da decisão de migrar ou o próprio deslocamento. A partir desse marco, foi possível não apenas situar os relatos, mas também acompanhar, ao longo das trajetórias, a

⁵ A Operação Acolhida é uma resposta humanitária do governo brasileiro, iniciada em 2018, voltada ao atendimento de pessoas migrantes e refugiadas venezuelanas, estruturada em três eixos principais: ordenamento da fronteira, acolhimento e interiorização.

emergência de marcadores de alteridade, em situações nas quais as diferenças e as relações de pertencimento se tornam mais evidentes, expressando a construção identitária como um processo situado, relacional e atravessado por tensões.

Diante dessa definição, foram entrevistadas 5 migrantes venezuelanas(os), cada um(a) contando sua perspectiva, sua trajetória e, principalmente, sua relação com o ato de migrar. À sua maneira, cada entrevistado(a) trouxe sua história migratória, permitindo identificar pontos nos quais a questão identitária se evidenciava: momentos de choque e estranhamento ao interagir com o novo país, momentos de assimilação ao buscar conexão com o país de origem e com culturas próximas, e até situações em que a identidade era questionada, revelando a sensação de não pertencimento pleno nem ao país de origem, nem ao de destino. Cada uma à sua maneira, foram ouvidas as histórias de Carlos e Ana, de Adriana e de Luciana e Sofia, com todos os nomes tendo sido devidamente alterados para garantir o anonimato:

Quadro 1 - Apresentação sintética das pessoas entrevistadas⁶

Nome	Idade	Quando chegou ao Brasil	Como chegou	Com quem migrou	contato
Carlos	61	18/12/2019	Travessia pela fronteira e interiorização (Acolhida) para Brasília	Esposa (Ana), sogra e enteado.	IMDH
Ana	57	18/12/2019	Mesmo processo que seu marido, Carlos (travessia e interiorização)	Esposo (Carlos), mãe e filho.	IMDH
Adriana	61	1981 (com 18 anos)	Migração por casamento (marido brasileiro do consulado).	Marido	Contato prévio
Luciana	43	17/01/2023	Começou o percurso em dezembro de 2022 e seguiu de ônibus até Brasília	Marido, Filha (Sofia) e seu cachorro	Indicada por Carlos e Ana
Sofia	18	17/01/2023	Mesma trajetória da mãe (Luciana).	Com a mãe (Luciana), pai e cachorro	Participou junto com a mãe

⁶ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília, sob o protocolo CAEE 46251320.0.0000.5540. Conforme as normas aprovadas, os nomes aqui indicados não correspondem aos nomes reais das pessoas, sendo fictícios para fim de anonimização.

Como é possível observar, as histórias ouvidas trazem uma diversidade de momentos, motivos e trajetórias que, embora diferentes entre si, se encontram no fato de serem de pessoas venezuelanas que hoje vivem em Brasília. De modo geral, há três momentos nítidos da migração venezuelana contidos no universo entrevistado: um primeiro, de uma pessoa que chegou em 1981 e que já possui uma trajetória longa no Brasil; um segundo momento, composto por entrevistados que chegaram em 2019 e vivenciaram o processo migratório em meio à pandemia da COVID-19; e um terceiro, mais recente, com chegadas em 2023.

Cada um desses grupos se articula com um entrelaçamento específico entre o momento histórico da migração venezuelana e sua relação com o Brasil, evidenciando também diferentes formas de travessia e distintas redes de apoio ao longo da jornada. Nesse sentido, as contextualizações iniciais trazidas pelas participantes, marcadas por suas especificidades, foram acompanhadas de um esforço de reconstrução do contexto histórico mais amplo em que suas migrações se iniciaram e se concretizaram. Essa construção se mostrou necessária para que fosse possível compreender as particularidades de cada trajetória e as múltiplas esferas que as atravessam e, assim, conseguir adentrar com mais profundidade nas histórias contadas.

Dessa forma, as cinco trajetórias analisadas constituem um momento empírico fundamental para compreender como, em cada história, a dinâmica identitária foi sentida e evidenciada pelos próprios entrevistados. Desde o início, foi possível perceber como todas as narrativas introduziam situações marcadas pela similaridade e pela aproximação com outros venezuelanos ao longo da jornada, seja nas cidades em que passavam, seja nos grupos que os auxiliaram no processo migratório ou nas redes de venezuelanos que começaram a frequentar. Em todas as histórias, foram identificados momentos de reconhecimento que mobilizam a ideia de identificação a partir de características comuns com aqueles ao redor. Trata-se de situações em que as pessoas entrevistadas se percebem inseridas em espaços ou interações sociais que evocam o sentimento de uma origem cultural compartilhada.

De diferentes maneiras e ao longo de diversas falas, emergiu nas entrevistas o tema do papel exercido por grupos ou associações que, cada um a seu modo, contribuíram para o acolhimento, a recepção e/ou a inserção das pessoas migrantes no Brasil. Cabe frisar que nem sempre se trata de espaços institucionalizados no sentido forte do termo, como seria o caso de uma ONG: é possível, por exemplo, que um simples grupo de WhatsApp, que reúna pessoas e organize atividades de maneira conjunta, já cumpra essa função. Por meio dessas interações,

os entrevistados relataram formas de se conectar e de manter sua cultura de origem presente no cotidiano, permitindo que ela seja continuamente acessada onde quer que estejam. Nos termos de Carreiro (2007), isso implica atentar-se às “ligações sociais e simbólicas” que possuem relevância para a construção ou reconfiguração dessas identidades no contexto migratório de inserção, na medida em que permitem que comunidades dispersas geograficamente formem coletivos de ação com bases e significados comuns.

Chama atenção, portanto, o papel desses espaços, associações e grupos não apenas como instâncias de acolhimento inicial, mas como lugares de conexão e reconhecimento — espaços nos quais é possível “se enxergar no outro”. Esse suporte é fortalecido pelo compartilhamento de elementos culturais, criando um ambiente de pertencimento e apoio em um contexto novo (e estrangeiro). Dessa forma, quando as pessoas entrevistadas relataram momentos da participação em grupos, interações com vizinhos, contato com familiares na Venezuela ou mesmo por trocas de alimentos e objetos familiares, a identidade era acionada e reafirmada, permitindo a continuidade de uma relação simbólica com a cultura de origem, ainda que fosse realizada à distância.

Nesse ponto, o transnacionalismo revela-se uma chave analítica central para compreender essa construção da identidade por similaridade. As ligações que se estabelecem tanto com a comunidade migrante no país de destino quanto com os que permanecem no país de origem envolvem relações que atravessam fronteiras e criam um espaço comum, conectando aqueles que partem àqueles que ficam (Carreiro, 2007). Mais do que apenas manter vínculos, essas práticas contribuem para uma ideia de aproximação das fronteiras, que deixam de ser percebidas como barreiras distantes e passam a ser ressignificadas e aproximadas nas experiências cotidianas das e dos migrantes.

Por mais que os relatos de Carlos, Ana, Fabiana, Adriana e Sofia tenham evidenciado a importância de associações e grupos como espaços de aproximação, suas experiências também foram atravessadas por momentos de alteridade e estranhamento. Nesse sentido, a experiência migratória aparece marcada por uma tensão constante entre aproximação e distanciamento: ao mesmo tempo em que se constroem vínculos e identificações, também se intensificam percepções de diferença. É justamente no encontro com essa diferença que emergem muitas das dificuldades relatadas. O contraste cultural se apresenta como um elemento central nas narrativas, evidenciando desafios que vão desde a adaptação linguística

até questões mais estruturais, como a inserção no mercado de trabalho e a estabilidade financeira. Essas dimensões aparecem de forma recorrente, revelando como o processo migratório é atravessado por situações de vulnerabilidade e incerteza, além de momentos de desencaixe e estranhamento diante de um cotidiano que foge ao padrão até então conhecido. Assim, a experiência migratória não se limita à construção de pertencimentos, mas envolve também rupturas, desconfortos e deslocamentos subjetivos diante de uma nova realidade social e cultural.

A partir do argumento presente em *Outsiders* (Becker, 2008 [1965]) e na reflexão sobre “O estrangeiro” (Simmel, 1983 [1908]), torna-se possível aprofundar a compreensão dessas experiências. Ambos os autores oferecem ferramentas analíticas para pensar a posição daquelas(es) sujeitas(os) que não se encaixam plenamente no grupo em que se encontram inseridas(os) e que, por isso, passam a estar marcados pela diferença. Nesse contexto, a identidade não se constrói apenas pela identificação, mas também pela intensificação da sensação de estar “fora de lugar”. Essa dinâmica estabelece uma fronteira simbólica entre o “nós” e o “eles” (Dutra, 2013), produzindo classificações que delimitam quem pertence e quem não pertence a determinado espaço social.

Para ilustrar esse aspecto da construção identitária, as entrevistas com Luciana e Sofia evidenciam, em suas falas, o peso de ser percebida como diferente:

Bom, quando eu comecei a trabalhar na creche, e meu marido não gostou de lá também, e se eu conseguir eu não quero trabalhar mais em creche, só se for um privado ou dependendo da pessoa. Foi lá que tive um momento com a senhora que trabalhava lá, esse foi meu único aperto. Ela... não me tratou bem. Foi quando eu não entendia bem o que as crianças pediam e ela viu isso, ela gritou comigo, me chamou de coisas, me puxou agressiva e, bom, nunca mais voltei lá. Ali ela ficou com raiva de mim por não saber português direito, ela não tratava mais ninguém daquele jeito, só eu. De resto teve pessoas que me veem e encaram, assim é normal aqui. Eu e meu esposo sempre fomos muito educados, mas quando nos ouvem 'hablando' olham, encaram é até engraçado. E começam a perguntar coisas também normalmente, tentando adivinhar de onde somos, falando até que gostam do nosso sotaque (fala de Luciana).

O episódio narrado por Luciana evidencia uma situação de xenofobia vivenciada no ambiente de trabalho, marcada por violência verbal e física associada à sua dificuldade com o

idioma. Embora não tenha detalhado as ofensas, e optou-se por não aprofundar o tema diante do seu desconforto, a gravidade da experiência se faz explícita em sua narrativa.

A experiência de Luciana exemplifica como a questão da alteridade é central na trajetória migratória, refletindo o jogo de definições que afeta particularmente os migrantes. O estigma e a xenofobia podem, infelizmente, acompanhar a história de vida de migrantes por estarem mais sujeitos a momentos de estranhamento e de desencaixe, deixando-os mais expostos a esse tipo de situação por enfrentarem dificuldades ao lidar com as diferenças culturais e sociais que surgem ao longo do processo migratório.

Diferentemente das práticas transnacionais discutidas anteriormente, que tendem a aproximar e tensionar as fronteiras, aqui se observa um movimento de endurecimento dessas delimitações, que passam a fixar categorias mais rígidas, uma identidade que a marca como diferente e como estrangeira (Dutra, 2013). No caso analisado, isso se expressa na construção de um pertencimento nacional que distingue os “daqui” dos “não são daqui”, estabelecendo, assim, quem pertence e quem não pertence. Essa distinção se dá por meio da atribuição de características feita pelos outros, um processo que constrói uma representação limitadora daquilo que o indivíduo pode ser (Silva, 2014). A classificação pela alteridade, portanto, resulta em uma imagem marcada por estereótipos e traços estigmatizantes, que dependem do papel socialmente atribuído pelos demais.

Ainda no âmbito dessas dinâmicas de diferenciação, torna-se possível refletir não apenas sobre a inserção em um novo contexto, mas também sobre o impacto do retorno ao país de origem após a experiência migratória. O estranhamento, nesse caso, não desaparece, ele se desloca. Isso fica evidente no relato de Adriana, por exemplo, que, ao retornar à Venezuela, foi identificada como brasileira, enquanto no Brasil o seu sotaque a coloca como venezuelana. A situação evidencia como a identidade não é fixa, mas relacional e contextual, sendo constantemente redefinida a partir do olhar do outro. Como aponta Sayad (1998), é ao atravessar a fronteira e se inserir nesse novo espaço social que o indivíduo passa a ser reconhecido, e nomeado como “imigrante”, isto é, como um “outro”. Esse processo produz uma estranheza que é relacional, mas que recai de forma mais intensa sobre o migrante, que se vê constantemente classificado e posicionado.

Se, no momento anterior, foi possível observar como a identidade é marcada pela diferença, a partir de processos de classificação, estranhamento e da construção do “outro”, as

narrativas dos entrevistados também apontaram um movimento complementar: a construção de uma identidade fluida. Trata-se de uma manifestação identitária transitória e instável (Anzaldúa, 2005 [1987]), que aponta uma forma de identificação em que, independentemente do lugar em que se esteja, o ajuste e a identificação plena com o grupo ao redor permanecem sempre incompletos. Essa dinâmica foi expressa em diversas falas das(os) entrevistadas(os), revelando as múltiplas formas pelas quais esse tipo de identificação se manifesta. Aparece, por exemplo, na ideia de “mistura” (Carlos) ou na formulação de Ana: “Sou venezuelana morando no Brasil [...] sou fruto dessa vivência aqui também. Sou o que sou”.

Trata-se de momentos em que é possível ver como as diversas influências e relações de identificação que perpassam suas trajetórias interagem na construção identitária, conferindo-lhe um aspecto mutável. A depender do contexto e das relações estabelecidas, o sujeito pode ser marcado por experiências de preconceito e discriminação, sendo situado em uma posição de alteridade que o afasta e o define como estranho naquele contexto. Por outro lado, também vivencia momentos de conexão e aproximação, mediados por relações transnacionais que possibilitam a construção de pertencimento e o reconhecimento de similaridades com outros ao seu redor. Essa dinâmica de aproximação e distanciamento, presente ao longo da trajetória migratória, impacta diretamente a configuração identitária, produzindo um movimento contínuo de construção. Assim, as identificações não se mantêm fixas, mas sim fluem e se reconfiguram a partir das interações e conexões estabelecidas.

Dessa perspectiva, torna-se possível pensar a identidade como uma experiência híbrida e multifacetada, que se contrapõe a concepções rígidas e fixas. Assim, ela se apresenta como um processo contínuo, que se reconfigura ao longo do tempo, acompanhando as transformações das experiências vividas. Trata-se de um exercício constante de negociação, em que se buscam formas de coexistir entre diferentes referências culturais.

Considerações finais

Neste breve texto buscamos percorrer alguns dos principais elementos que, durante a pesquisa que o fundamentou, permitiram refletir sobre o conceito de fronteira e o seu efeito na experiência migratória, à luz de histórias de vida de pessoas migrantes da Venezuela. Tratou-se de um trabalho com abordagem qualitativa e que, portanto, não tem expectativa de que os

seus achados tenham representatividade estatística mas, antes, que podem contribuir para se pensar implicações do fenômeno migratório. Dentre os diversos aspectos que o constituem destacamos (i) a concepção de fronteira simbólica; (ii) o papel desempenhado por grupos de apoio e (iii) o modo como a alteridade se apresenta na construção da identidade. Ou seja, o foco esteve menos sobre traços da política migratória e mais voltado a certos desafios enfrentados no âmbito do processo de migração internacional. Além disso, há também a expectativa de que aspectos dessa dinâmica identitária possam extrapolar o contexto particular aqui estudado.

Como foi possível observar, as experiências migratórias das venezuelanas, no contexto do DF, em certos casos lidou com os desencaixes provocados por alguns de seus elementos. Isso acaba, dependendo do caso, por colocar em questão a identidade e, portanto, torna-se um aspecto subjacente aos meandros da condição fronteiriça. Em outras palavras, a constatação dessa fronteira de caráter simbólico, e das suas diversas implicações, se evidencia no âmbito da experiência migratória, estando constituída a partir dela. Evidentemente, o caráter desse tipo de fronteira não é algo exclusivo ao contexto de migração, mas entendemos que é realçado pelos desencaixes ocorridos a partir dos diferentes tipos de confronto da identidade, notadamente no registro da construção do “outro”, de uma alteridade que, frequentemente, está acompanhada por uma dinâmica de hierarquização.

Desse modo, o percurso investigativo possibilitou apreender a complexidade das construções identitárias no contexto migratório, considerando os deslocamentos territoriais e os processos de negociação das classificações culturais e sociais. A análise evidenciou situações em que determinadas dinâmicas operam na marcação dos sujeitos como pertencentes a um grupo específico ou como “o outro”, ao mesmo tempo em que revelou momentos de aproximação, nos quais se constroem laços e sentidos de pertencimento. Os movimentos de aproximação e distanciamento, presentes nas narrativas analisadas, demonstram que a identidade não se constitui de forma fixa, mas relacional e situada, sendo continuamente (re)elaborada nas interações sociais e trazendo um aspecto fluido a quem experiencia esse deslocamento.

Referências

- ANZALDÚA, G. La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência. In: **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**, vol. 13, 2005 [1987], pp. 704–719.
- BECKER, H. S. **Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 [1965].
- BERTAUX, D. L’approche biographique, sa validité méthodologique, ses potentialités. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, LXIX, 2, 1980, pp. 198-225.
- CARREIRO, J. Dinâmicas transnacionais protagonizadas por Associações de Migrantes Guineenses em Portugal. In: ISCTE - Repositório do Instituto Universitário de Lisboa, 2007.
- COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within. **Sociedade e Estado**, vol. 31, n. 1, jan./abr. 2016, pp. 99-127.
- DUTRA, D. **Migração internacional e trabalho doméstico - Mulheres peruanas em Brasília**. São Paulo: OJM & CSEM, 2013.
- GLICK-SCHILLER, N.; BASCH, L.; SZANTON BLANC, C. De imigrante a transmigrante: teorizando a migração internacional. **Cadernos CERU**, série 2, vol. 30, n. 1, 2019, pp. 349-394.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2008 [1988].
- GUÉRIOS, P. R. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. **Campos (UFPR)**, vol. 12, p. 9-34, 2011.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LUGONES, M. Rumo a um feminismo decolonial. **Revista Estudos Feministas**, vol. 22, n. 3, 2014, pp. 935-952.
- OLIVEIRA, M. de. O Tema da Imigração na Sociologia Clássica. **Dados**, Rio de Janeiro, vol. 57, n. 1, 2014, pp. 73-100.
- SAYAD, A. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: EdUSP, 1998.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: Tomaz Tadeu da Silva (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014, pp. 77-109.
- SIMMEL, G. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, E. (Org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983 [1908].